



TÉCNICAS DE PODA NA CULTURA DO ALGODOEIRO ARBÓREO (MOCÓ) PRECOCE

Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão¹

Com o estabelecimento definitivo do bicudo (*Anthonomus grandis* Boheman) como praga do algodão no Nordeste, constituindo-se em um problema a mais para os cotonicultores, vários passos tecnológicos foram definidos para que a cultura continue a ser rentável. Entre tais fatores destacam-se o uso de cultivares precoces e mais produtivas como a CNPA 5M, adubação fosfatada, espaçamentos estreitos e poda drástica no final de cada ano do seu ciclo econômico, após a colheita e a colocação do gado para se alimentar da folhagem e dos ramos finos das plantas. A poda é uma prática muito importante para conviver com o bicudo, pois é feita uma limpeza geral, inclusive retirando-se frutos e outras estruturas das plantas. As cultivares precoces de algodoeiro arbóreo (Tabela 1) diferentemente das de ciclo tardio e tradicionais, que floravam com mais de 90 dias da emergência das plantas, respondem muito bem à poda drástica e entram na fase de floração no primeiro ano em média aos 60 dias da emergência das plantas, o que é muito importante para a convivência com o bicudo. A poda é uma prática agrícola imprescindível para o sucesso da cotonicultura arbórea na presença da praga do bicudo, pois evita que fiquem alimentos para este inseto no período da entressafra, induzido pela escassez hídrica.

Com esta prática, aliada à ecologia das regiões fisiográficas recomendadas para o cultivo desta malvácea, que apresentam elevada densidade do fluxo radiante, mais de 1,2 cal/cm²/minuto, alta temperatura do ar (média das máximas anual de 33°C) e baixa umidade relativa (menor que 60% na maioria dos meses de cada ano) as populações do bicudo são reduzidas e seu controle facilitado.

A poda deve ser realizada no período de repouso fisiológico da planta, ou seja, no seco, onde ocorre uma paralisação do metabolismo, inclusive da translocação de assimilados, principalmente de carboidratos e aminoácidos. Na prática, deve ser realizada após a última colheita e depois da retirada do gado e pelo menos 60 dias antes do início do período chuvoso.

¹Pesquisador III da EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Algodão. Rua Osvaldo Cruz, 1143 - Centenário, Caixa Postal 174 - 58107-720 - Campina Grande, PB

CT/39, CNPA, jun/95, p.2

TABELA 1. Características agrônômicas e tecnológicas da fibra e do fio das cultivares de algodoeiro arbóreo recomendadas para o plantio na região do Seridó e áreas de clima semelhante no Nordeste brasileiro.

Características Agrônômicas e Tecnológicas de fibra e fio	CULTIVARES		
	CNPA 3M	CNPA 4M	CNPA 5M
-Rendimento kg/ha 1° ano (a)	447	586	715
-Rendimento kg/ha 2° ano (b)	569	629	636
-Precocidade (%)	63,5	72,5	79,5
-Peso de 1 capulho (g)	2,5	2,7	2,9
-Peso de 100 sementes (g)	8,3	8,4	8,8
-Porcentagem de fibras (%)	33,8	34,2	34,1
-Comprimento fibrográfico S.L. 2,5%(mm)			
1° ano	29,5	28,9	30,4
2° ano	31,5	30,0	31,0
-Uniformidade fibrográfo - %	51,9	48,7	51,5
-Finura - m tex	215	225	220
micronaire	4,2	4,3	4,2
-Resistência-Pressley (lb/mg)	8,5	8,7	8,6
-Estelômetro (gf/tex)		26,1	25,6
-Maturidade - ASTM%	64,8	65,1	63,6
-Resistência do fio simples Ne 27 (gf/tex)	18,1	18,1	16,9
-Resistência do fio meada Ne 27 (gf/tex)	13,6	12,6	12,1

(a) Valores médios correspondentes a 9 ensaios regionais, conduzidos em Patos, PB (1989, 1990, 1991), Serra Talhada, PE (1989), Caicó, RN (1989, 1990), Picos, PI (1990), Cruzeta, RN (1991, Banabuiú, CE, 1991).

(b) Valores médios correspondentes a 4 ensaios regionais, conduzidos em Patos, PB (1990, 1991), Picos, PI (1991) e Caicó, RN (1991).

OBS: Todas as demais características são valores médios correspondentes a 4 ensaios conduzidos em Patos, PB (1989, 1990, 1991).

FONTE: EMBRAPA, CNPA (Campina Grande, PB). Cultivar CNPA 5M, algodoeiro mocó precoce. Campina Grande, s.d. (Folder).

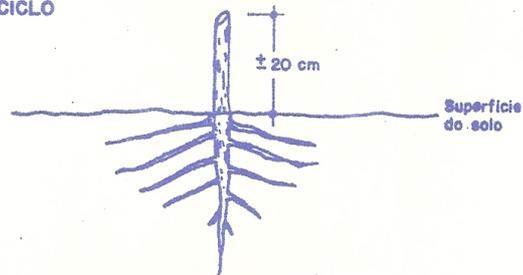
Com relação à altura da poda no primeiro ano, esta prática deve ser feita em "biseal" a cerca de 20 a 25cm do colo, região que separa o eixo principal (caule) da raiz pivotante (principal) conforme pode ser observado na Figura 1, lado superior. Com 20 a 25cm ficam várias gemas em estado de dormência (hipnoblastos) que, ao chofer, algumas delas são ativadas e originam ramos vegetativos; umas morrem e outras podem permanecer dormentes, podendo ser ativadas no segundo ano. No segundo ano, podam-se os ramos vegetativos de 1ª ordem (Figura 1, parte inferior) e outros ramos que podem surgir do eixo principal. No terceiro ano, o processo é semelhante e assim por diante. Neste caso e nos demais, o importante é se deixar de 4 a 10 gemas em cada segmento de ramo para

CT/39, CNPA, jun/95, p.3

estabelecer a emissão dos novos ramos e assim, garantir a produção da planta no próximo ano. À semelhança do que ocorre nos primeiro, segundo e nos demais, algumas gemas podem rebrotar nos outros anos e assim, a organografia da planta, na prática, pode ficar diferente dos esquemas colocados nas Figuras 1 e 2, o que realmente ocorre.

A poda deve ser prática obrigatória para evitar o aumento das populações de insetos, especialmente do bicudo.

1º ANO DO CICLO



2º ANO DO CICLO

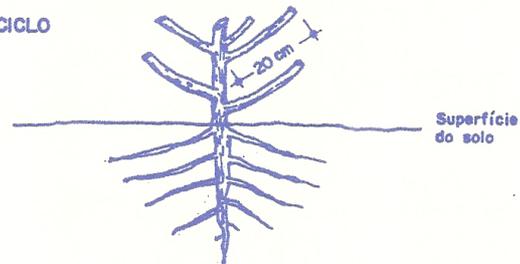
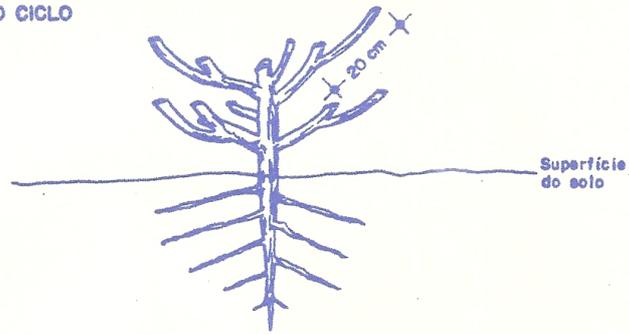


FIGURA 1. Poda do algodoeiro arbóreo de 1º e 2º anos do ciclo biológico, cultivares precoces

CT/39, CNPA, jun/95, p.4

3º ANO DO CICLO



4º ANO DO CICLO

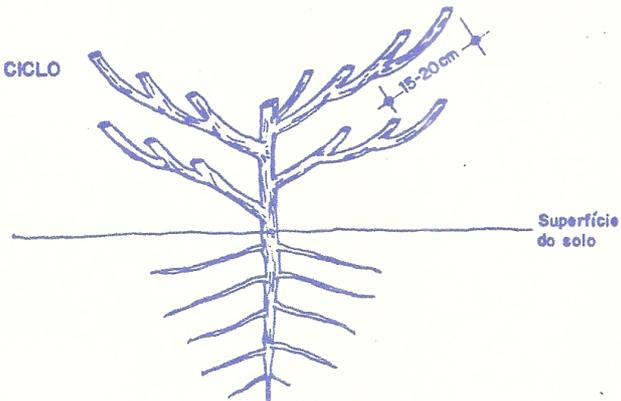


FIGURA 2. Poda do algodoeiro arbóreo de 3º e 4º anos do ciclo biológico, cultivares precoces